
PERGUNTA E RESPOSTA¹

R.G. Collingwood

Traduzido por Adriano Picoli e Evandro de Oliveira Brito

Um ano ou dois depois do desencadeamento da guerra², eu vivia em Londres e trabalhava em uma seção da Divisão de Inteligência do Comando da Marinha nas salas da Sociedade Geográfica Real. Todos os dias eu cruzava o jardim de Kensington e depois o Memorial Albert³. O Memorial Albert começou a obcecar-me pelos degraus. Como o Coletor de Sanguessuga de Wordsworth⁴, ele assumiu um estranho ar de significância; ele pareceu

Como alguém de quem eu teria encontrado em um sonho;
Ou como um homem enviado de alguma distante região,
Para dar-me força humana, por apta admoestação.

Tudo nele era visivelmente mal-concebido, corrupto, rastejante, repugnante; por um tempo eu não podia suportar olhar para ele e passava desviando os olhos; recuperado desta fraqueza, eu forcei-me olhar e encarar dia-a-dia a questão: uma coisa tão óbvia, tão indiscutível, tão indefensavelmente má, por que Scott⁵ a tinha feito? Dizer que Scott foi um mau arquiteto era abafar o problema com uma tautologia; dizer que

¹ O texto traduzido consiste no capítulo V intitulado “Question and Answer” da obra de Robin George Collingwood (1889-1943) intitulada *An Autobiography* (Oxford: Oxford University Press, 1939, pp. 29-43). Este capítulo é de suma importância para os estudiosos da filosofia hermenêutica de Hans-Georg Gadamer, uma vez que este desenvolveu sua lógica de pergunta e resposta em partes partindo desse escrito de Collingwood. [N.Ts].

² Collingwood refere-se ao início da Primeira Guerra Mundial iniciada em 1914. [N.Ts].

³ O Memorial Albert foi construído a pedido da Rainha Vitória em honra ao seu falecido marido, o Príncipe Albert. [N.Ts].

⁴ Collingwood faz referência ao personagem *The Leech-Gatherer* do poema *Resolution and Independence* (os três versos supracitados fazem parte do estrofe XVI) de William Wordsworth (1770-1850), um dos maiores poetas do romantismo inglês. [N.Ts].

⁵ George Gilbert Scott (1811-1878) foi um arquiteto inglês da era vitoriana, o qual projetou o Memorial Albert a pedido da rainha Vitória. [N.Ts].

não havia explicação para gostos era se esquivar dele por *suggestio falsi*⁶. Qual relação havia, eu comecei a perguntar-me, entre o que ele tinha feito e o que ele tinha tentado fazer? Ele tentou produzir uma coisa bela; algo, digo, que nós deveríamos ter pensado como belo? Se foi isso, ele obviamente falhou. Mas ele talvez viesse tentando produzir algo diferente? Se foi isso, ele poderia possivelmente ter tido êxito. Se eu achasse o monumento meramente repugnante, isto talvez fosse minha culpa? Eu estaria vendo nele qualidades que ele não possuía, e ignorando ou desprezando aquelas que ele tivesse?

Eu não vou tentar descrever tudo o que eu passei no que, por muitos meses, continuou a ser as minhas diárias confidências com o Memorial Albert. Dos vários pensamentos que me vieram nessas confidências eu apenas enunciarei um: um desenvolvimento adicional de um pensamento já familiar para mim.

Meu trabalho em arqueologia, como eu disse, imprimiu sobre mim a importância da atividade de questionamento no conhecimento: e isto tornou impossível para mim permanecer satisfeito com a teoria intuicionista do conhecimento privilegiada pelos ‘realistas’. O efeito disto em minha lógica foi ocasionar em minha mente uma revolta contra as correntes das teorias lógicas da época, uma quantidade considerável daquela revolta contra a lógica escolástica que foi produzida nas mentes de Bacon e Descartes pela reflexão na experiência da pesquisa científica, à medida que foi tomando nova forma no final do século XVI e início do século XVII. O *Novum Organum* e o *Discours de la Méthode* começaram a ter uma nova significância para mim. Eles eram as expressões clássicas de um princípio de lógica que eu achei necessário corrigir: o princípio de que um corpo de conhecimento não consiste em ‘proposições’, ‘enunciados’, ‘juízos’ ou seja qual for o nome usado pelos lógicos para designar atos assertivos de pensamento (ou o que em estes atos é afirmado: por ‘conhecimento’ significa tanto a atividade de conhecer quanto o que é conhecido), mas estes acompanhados com as perguntas que elas pretendem responder; e que uma lógica na qual as respostas estejam presentes e as perguntas negligenciadas é uma lógica falsa.

Eu vou tentar indicar, sucintamente, como a natureza deste livro exige (por ele ser uma autobiografia, e não um trabalho em lógica), a maneira em que esta noção

⁶ Expressão latina que significa: *sugestão de falsidade*. [N.Ts].

desenvolveu-se em minha mente, à medida que eu refleti dia a dia sobre o Memorial Albert. Eu sei que o que eu estou preparando-me para dizer é muito controverso, e que quase todos os leitores que já têm algo de um lógico serão violentamente discordes com ele. Mas eu não vou fazer a tentativa de antecipar suas críticas. No que diz respeito a ele pertencer a qualquer escola lógica agora existente, eu acho que eu já sei quais serão elas, e é porque eu não fui convencido por elas que eu estou escrevendo este capítulo. Eu não usarei a palavra ‘juízo’, como assim denominam os lógicos ‘idealistas’, ou a palavra ‘enunciado’ de Cook Wilson⁷: a coisa denotada por estas palavras, eu vou chamar uma ‘proposição’: de forma que esta palavra sempre denotará neste capítulo uma entidade lógica, não uma linguística.

Eu comecei por observar que você não pode descobrir o que um homem quer dizer simplesmente estudando seus enunciados falados ou escritos, mesmo que ele tenha falado ou escrito com domínio perfeito da língua e com intenção perfeitamente verdadeira. A fim de descobrir seu significado você também deve saber qual era a pergunta (uma pergunta em sua própria mente e presumida por ele estar nas vossas) para que a coisa que ele tenha dito ou escrito seja concebida como uma resposta.

Deve ser entendido que pergunta e resposta, como eu as concebi, eram estritamente correlativas. Uma proposição não é uma resposta, ou de qualquer forma não poderia ser a resposta correta, para qualquer pergunta que possa ter sido respondida de outro modo. Uma proposição altamente detalhada e particularizada deve ser a resposta, não de uma pergunta vaga e generalizada, mas de uma pergunta tão detalhada e particularizada quanto ela própria. Por exemplo, se o meu carro não funcionar, eu posso passar uma hora procurando pela causa de sua falha. Se, durante essa hora, eu remover o cabo número um, situado no motor, virando a manivela e esperando a chegada de uma faísca, minha observação ‘o cabo número um está perfeitamente correto’ não é uma resposta para a pergunta, ‘Por que meu carro não funciona?’, mas para a questão, ‘É porque o cabo número um não está produzindo faíscas que meu carro não funciona?’ Qualquer um dos vários experimentos que eu fiz durante a hora será a constatação de uma resposta para uma pergunta tão detalhada e particularizada. A

⁷ John Cook Wilson (1849–1915) foi um professor de lógica de Oxford, e o responsável pela fundação da escola realista de Oxford. [N.Ts].

pergunta, ‘Por que meu carro não funciona?’ é apenas uma espécie de resumo de todas estas tomadas juntas. Não é uma pergunta separada em um tempo separado, nem é uma questão sustentada que eu continuo a perguntar pela hora inteira ao mesmo tempo. Conseqüentemente, quando eu digo o ‘cabo de número um está completamente correto’, esta observação não registra mais uma falha para responder à pergunta de uma hora de duração, ‘O que está errado com meu carro?’ Ela registra o sucesso em responder a questão de três minutos de duração, ‘o não-funcionamento é devido à falha no cabo número um?’

De passagem, eu notarei (ao qual eu voltarei mais tarde) que este princípio de correlatividade entre a pergunta e resposta descarta uma boa quantidade de conversafiada. As pessoas vão falar de um selvagem à medida que ‘o confrontarem com o eterno problema de obtenção de alimentos’. Mas o que realmente eles confrontaram é o problema, completamente transitório como todas as coisas humanas, de fisgar este peixe, ou desenterrar esta raiz ou encontrar amoras silvestres nesta floresta.

Meu próximo passo foi aplicar este princípio à ideia de contradição. A lógica atual sustenta que duas proposições podem, simplesmente como proposições, contradizerem uma a outra, e que as examinando simplesmente como proposições você poderia descobrir se elas são assim ou não. Isto eu nego. Se você não pode dizer o que uma proposição significa a menos que você saiba a que questão ela pretende responder, você confundirá seu significado se você cometer um erro sobre essa questão. Um sintoma que confunde o significado de uma proposição é pensar que ela contradiz outra proposição, que na verdade ela não contradiz. Não há duas proposições, que eu vejo, que possam contradizer uma a outra a menos que elas sejam respostas para a mesma pergunta. Portanto, é impossível falar de um homem: ‘Eu não sei qual é a questão que ele está tentando responder, mas eu posso ver que ele está se contradizendo’.

O mesmo princípio é aplicado à ideia de verdade. Se o significado de uma proposição é relativo à questão que ela é resposta, sua verdade deve ser relativa a mesma coisa. Significado, acordo e contradição, verdade e falsidade, nenhum destes pertencem a proposições em seus próprios direitos, proposições por si; eles pertencem apenas a proposições como as respostas às perguntas: cada proposição responde uma pergunta estritamente correlativa a si mesma.

Aqui eu separei-me daquilo que eu chamei de lógica proposicional e de sua prole as geralmente reconhecidas teorias da verdade. De acordo com a lógica proposicional (sob esta denominação eu incluo a assim chamada lógica ‘tradicional’, a lógica ‘idealista’ dos séculos XVIII e XIX e a lógica ‘simbólica’ do XIX e XX), verdade ou falsidade, que são aquilo com o que a lógica está essencialmente preocupada, pertencem às proposições como tal. Muitas vezes se expressou esta doutrina chamando a proposição de a ‘unidade de pensamento’, significando que se você dividi-la em partes tal como sujeito, cópula, predicado, qualquer uma destas partes tomadas isoladamente não é um completo pensamento, ou seja, não é capaz de ser verdadeiro ou falso.

Parece-me que esta doutrina foi um erro devido à parceria inicial entre lógica e gramática. A lógica de proposição pareceu-me um tipo de duplo fantasmagórico da frase do gramático, assim como na primitiva especulação sobre as imagens nas mentes das pessoas, mentes como duplos fantasmagóricos dos corpos. A gramática reconhece uma forma de discurso chamado de frase e entre frases, bem como outros tipos que servem de expressões verbais de perguntas, comandos etc., um tipo que expressam enunciados. Na fraseologia gramatical, estas são frases indicativas; e os lógicos têm quase sempre tentado conceber a ‘unidade de pensamento’, ou aquilo que é ou verdadeiro ou falso, como um tipo de ‘alma’ lógica, cujo ‘corpo’ linguístico é a frase indicativa.

Esta tentativa de correlacionar a proposição lógica com a frase indicativa gramatical nunca foi completamente satisfatória. Sempre houve pessoas que viram que a verdadeira ‘unidade de pensamento’ não era a proposição, mas algo mais complexo em que a proposição servia como resposta a uma pergunta. Não apenas Bacon e Descartes, mas Platão e Kant, vêm à mente como exemplos. Quando Platão descreveu pensamento como um ‘diálogo da alma consigo mesma’, ele quis dizer (como nós sabemos de seus próprios diálogos) que isto era um processo de pergunta e resposta, e que destes dois elementos, a primazia pertence à atividade do questionamento, o Sócrates dentro de nós. Quando Kant disse que um homem sábio deve saber que perguntas ele razoavelmente pode perguntar, ele estava na verdade repudiando uma lógica meramente proposicional e exigindo uma lógica de pergunta e resposta.

Além disso, no entanto, a lógica nunca foi capaz de afirmar uma relação *de facto* um-a-um⁸ entre proposições e sentenças indicativas. Ela sempre sustentou que as palavras realmente usadas por um homem em uma determinada ocasião para expressar o seu pensamento podem ser ‘elípticas’ ou ‘pleonásticas’ ou de outra forma não completamente em concordância com a regra de que uma frase deveria expressar uma proposição. Geralmente é sustentado, ainda, que frases indicativas em uma obra de ficção, professando ser isso e nada mais, não expressam proposições. Mas quando tiverem sido feitas essas e outras qualificações, se poderá descrever o seguinte como a doutrina central da lógica proposicional: que há, ou deve haver, ou em uma linguagem bem formulada e muito utilizada haveria⁹, uma correspondência de um-a-um entre posições e frases indicativas, cada frase indicativa expressando uma proposição e uma proposição sendo definida como a unidade de pensamento, ou aquilo que é verdadeiro ou falso.

Esta é a doutrina que é pressuposta por todas as célebres teorias da verdade. Uma escola de pensamento sustenta que uma proposição é ou verdadeira ou falsa simplesmente em si mesma, veracidade ou falsidade sendo qualidades das proposições. Outra escola sustenta que chamá-la de verdadeira ou falsa é afirmar uma relação de ‘correspondência’ ou ‘não-correspondência’ entre ela e algo que não é uma proposição, algum ‘estado de coisas’ ou ‘fato’. Uma terceira sustenta que chamá-la verdadeira ou falsa é afirmar uma relação entre ela e outras proposições, com as quais ela é ‘coerente’ ou não é ‘coerente’. E, desde aquela época havia pragmatistas, uma quarta escola deve ser mencionada, sustentando (pelo menos de acordo com alguns de seus pronunciamentos) que chamar uma proposição de verdadeira ou falsa é afirmar a utilidade ou inutilidade da crença nela.

Eu nego todas essas teorias da verdade. Isso não foi muito original de minha parte; qualquer um pode ver, após a leitura de *Natureza da verdade* de Joachim¹⁰, que

⁸ Uma relação um-por-um é o que em matemática e lógica é chamado de relação biunívoca ou bijetora. [N.Ts].

⁹ Então aquelas numerosas e assustadoras proles da lógica proposicional como resultado da ignorância, as várias tentativas de uma ‘linguagem lógica’, iniciando com o pedantismo do manual sobre ‘redução de uma proposição à forma lógica’, e finalmente, por agora, no jargão tipográfico da *Principia Mathematica*. [N.A.]

¹⁰ Collingwood refere-se ao filósofo britânico neo-hegeliano Harold Henry Joachim (1868-1938). [N.Ts].

elas estavam todas abertas a objeções fatais. Minha razão para negá-las, no entanto, não foi que elas estavam distintamente abertas a objeções, mas que todas elas pressupunham o que chamei o princípio da lógica proposicional; e este princípio eu neguei por completo.

Eu queria substituir uma lógica de proposições pelo que eu chamei de uma lógica de pergunta e resposta. Pareceu-me que a verdade, se isso significa que o tipo de coisa que eu estava acostumado a perseguir em meu trabalho ordinário como um filósofo ou historiador — verdade no sentido em que uma teoria filosófica ou uma narrativa histórica é dita verdadeira, que me pareceu o próprio sentido da palavra — era algo que não pertencia a qualquer proposição simples, nem mesmo, como os teóricos da coerência sustentam, a um complexo de proposições tomadas juntos; mas a um complexo composto de perguntas e respostas. A estrutura deste complexo, naturalmente, nunca tinha sido estudada pela lógica proposicional; mas com a ajuda de Bacon, Descartes e outros eu poderia arriscar alguns enunciados sobre ela. Cada pergunta e cada resposta em um determinado complexo tem que ser relevante ou apropriada, tem que ‘pertencer’ tanto ao todo quanto ao lugar que ela ocupa no todo. Cada pergunta teve que ‘surgir’; deve haver aquilo acerca do qual a ausência nós condenamos quando nós nos recusamos a responder uma pergunta sobre o solo no qual ela ‘não surgiu’. Cada responder deve ser a resposta ‘correta’ para a pergunta que ela professa responder.

Por ‘correto’ eu não quero dizer ‘verdadeiro’. O responder ‘correto’ a uma pergunta é o responder que nos permite ir em frente com o processo de questionar e responder. São completamente comuns os casos em que a resposta ‘correta’ para uma pergunta é ‘falsa’; por exemplo, casos em que um pensador está seguindo uma suspeita falsa, ou inadvertidamente ou a fim de construir uma *reductio ad absurdum*. Assim, quando Sócrates indaga (Platão, *República*, 333 B) se como seu parceiro em um jogo de damas você preferiria ter um homem justo ou um homem que sabe como jogar damas, a resposta que Polemarco dá — ‘um homem que sabe como jogar damas’ — é a resposta correta. Ela é ‘falsa’, porque pressupõe que a justiça e a habilidade de jogar damas são comparáveis, sendo cada uma delas um ‘ofício’, ou uma forma especializada de

habilidade. Mas ela está ‘correta’, porque constitui um vínculo, perfeito, na cadeia de perguntas e respostas pela qual a falsidade daquela pressuposição torna-se manifesta.

O que normalmente se quer dizer quando uma proposição é chamada de ‘verdadeira’, eu pensei, foi isto: (a) a proposição pertence a um complexo de pergunta e resposta que, como um todo é ‘verdadeiro’ no sentido próprio da palavra; (b) no interior deste complexo, ela é uma resposta a uma pergunta; (c) a questão é o que nós normalmente chamamos uma pergunta sensata ou inteligente, não é uma pergunta idiota, ou na minha terminologia que ‘surge’; (d) a proposição é a resposta ‘correta’ a essa pergunta.

Se isto é o que se quer dizer com chamar uma proposição ‘verdadeira’, não se segue apenas que você não pode dizer se uma proposição é ‘verdadeira’ ou ‘falsa’ até que você saiba que pergunta ela estava pretendendo responder, mas também que uma proposição que na verdade é ‘verdadeira’ pode sempre ser pensada ‘falsa’ por qualquer um que se der ao trabalho de cogitar uma pergunta para a qual ela teria sido a resposta errada e convencer-se que esta era a pergunta que pretendia responder. E uma proposição que é de facto significativa pode sempre ser pensada sem sentido por qualquer um que convencer-se que ela foi concebida como uma resposta a uma pergunta a qual, se ela realmente estivesse intencionada a respondê-la, ela não teria respondido absolutamente, quer corretamente quer erroneamente. Se uma determinada proposição é verdadeira ou falsa, significativa ou sem sentido, depende de que pergunta ela intencionava responder; e qualquer um que deseja saber se uma dada proposição é verdadeira ou falsa, significativa ou sem sentido, deve descobrir a que pergunta ela intencionava responder.

Agora, a pergunta ‘Para qual pergunta fulano pretendia esta proposição como uma resposta?’ é uma questão histórica e, portanto, não pode ser resolvida exceto por métodos históricos. Em geral é muito difícil quando fulano escreveu em um passado distante, porque escritores (de qualquer modo bons escritores) sempre escrevem para seus contemporâneos, e em particular para aqueles que são ‘susceptíveis a estarem interessados’, isto significa aqueles que já estão fazendo a pergunta para a qual está sendo oferecida uma resposta; e conseqüentemente um escritor muito raramente explica qual é a questão que ele está tentando responder. Mais tarde, quando ele tiver se tornado

um ‘clássico’ e seus contemporâneos estiverem todos mortos há muito tempo, a questão terá sido esquecida; especialmente se a resposta que ele deu foi geralmente reconhecida como a resposta correta; pois nesse caso, as pessoas pararam de fazer a pergunta, e começaram a fazer a pergunta que surgiu depois. Então a pergunta feita pelo escritor original pode ser reconstruída apenas historicamente, muitas vezes não sem o exercício de considerável habilidade histórica.

‘Sblood!’¹¹ diz Hamlet, ‘você acha que eu sou mais fácil de ser tocado do que uma flauta?’ Esses eminentes filósofos, Rosencrantz e Guildenstern¹², pensam *tout bonnement*¹³ que eles podem descobrir do que se trata o *Parmênides* ao meramente lê-lo; Mas se você os conduziu para o portão sul de Housesteads¹⁴ e disse, ‘por favor, distinga os vários períodos de construção existentes aqui e explique a que finalidade os construtores de cada período tinham em mente”, eles iriam protestar ‘Acredite em mim, eu não posso’. Eles pensam que o *Parmênides* é mais fácil de entender do que um pequeno forte romano apodrecido? ‘Sblood’!

Segue-se, também, e isso é o que especialmente me impressionou na época, que enquanto não há duas proposições que podem ser em si mesmas mutuamente contraditórias, há muitos casos em que um e o mesmo par de proposições é capaz de ser pensamento tanto disso ou do contrário, conforme as questões que elas estavam pretendidas a responder forem reconstruídas de uma forma ou de outra. Por exemplo, ouviram-se metafísicos dizer ‘o mundo é um e muitos’; e não faltaram críticos que foram estúpidos o suficiente para acusá-los de autocontradição, sobre o fundamento abstratamente lógico de que ‘o mundo é um’ e ‘o mundo é muitos’ são proposições mutuamente contraditórias. Muita da antipatia popular da metafísica baseia-se em fundamentos deste tipo e é no final das contas, devido a críticos que, como nós dizemos, não sabiam o que os homens que eles criticaram estavam falando; ou seja, não sabiam quais perguntas sua conversa pretendia responder; mas, com a malevolência ordinária

¹¹ Interjeição usada como forma de fazer um juramento, ela é a abreviação de *God's blood* que significa “Pelo sangue de Cristo!” ou literalmente “Sangue de Deus”. [N.Ts].

¹² Rosencrantz e Guildenstern são personagens da tragédia *Hamlet* de William Shakespeare. [N.Ts].

¹³ Expressão francesa que significa: simplesmente, simples por completo. [N.Ts].

¹⁴ Forte do período do Império Romano localizado no nordeste da Inglaterra. [N.Ts].

do ocioso contra o laborioso, do ignorante contra o erudito, do tolo contra o homem sábio, eles desejaram ter acreditado que eles estavam falando tolices.

Suponha que, em vez de falar sobre o mundo, o metafísico estivesse falando sobre o conteúdo de uma pequena caixa de mogno com uma tampa móvel; e suponha que ele disse, ‘Os conteúdos desta caixa são, ambas, uma coisa e muitas coisas’. Um crítico estúpido pode pensar que ele está oferecendo duas respostas incompatíveis a uma única questão, ‘Os conteúdos desta caixa são um x ou muitos x s? Mas o crítico reconstruiu a pergunta errada. Havia duas perguntas: (a) Os conteúdos desta caixa são um conjunto de peças de xadrez ou muitos conjuntos? (b) Os conteúdos deste caixa são um jogo de peças de xadrez ou muitos jogos de peças de xadrez?

Não há contradição entre dizer que algo, se este algo é o mundo ou os conteúdos de uma caixa, é um, e dizer que ele é muitos. Contradição localizar-se-ia somente se aquele algo fosse dito ser um x e muitos x s. Mas no enunciado original, seja sobre o mundo ou sobre peças de xadrez, não havia nada sobre um x e muitos x s. Isso foi impingido pelo crítico. A contradição de que o crítico reclama nunca existiu absolutamente em sua vítima filosófica, até que o crítico a implantasse sobre ele, como ele poderia ter implantado deslealmente correspondência nos bolsos de seu casaco; e com uma intenção igualmente louvável, obter uma recompensa por denunciá-lo.

Assim, se uma determinada doutrina D é criticada como autocontraditória porque ela é divisível em duas partes E e F , onde E contradiz F , a crítica é válida somente se o crítico reconstruiu corretamente as perguntas para as quais E e F foram dadas como respostas. Um crítico que está ciente desta condição certamente ‘mostrará seu trabalho’ indicando a seus leitores a evidência sobre a qual ele concluiu que o autor criticado realmente formulou suas perguntas de tal forma que E e F em sua boca eram mutuamente contraditórias. Se isso falhar, um leitor indisposto a resolver o problema por si mesmo naturalmente assumirá a crítica como rigorosa ou superficial conforme ele considerar ser o crítico, de um modo geral, um bom ou mau historiador.

Isso permitiu-me responder a pergunta, deixada em aberto (como eu afirmei no final do capítulo anterior) em 1914, se os métodos críticos dos ‘realistas’ eram rigorosos. A resposta poderia apenas ser que eles não eram. Para os principais ‘realistas’, e em última instância, pareceu-me, o único método foi analisar a posição

criticada em várias proposições e detectar contradições entre estas. Tal como eles usaram as regras da lógica proposicional, nunca ocorreu a eles que essas contradições poderiam ser fruto de seus próprios erros históricos sobre as perguntas que suas vítimas tinham tentado responder. Havia também uma chance de que elas pudessem não ser; Mas, depois do que eu já soube acerca da atitude dos ‘realistas’ em relação à história, as probabilidades parecem-me contra ela. Em qualquer caso, enquanto a possibilidade existisse, os métodos seriam vícios.

Tudo isto, durante meu tempo livre de 1917, eu escrevi por um período considerável, com muitíssimas aplicações e ilustrações, em um livro chamado *Verdade e Contradição*. Eu cheguei ao ponto de oferecê-lo a um editor, mas foi-me dito que os tempos eram irremediavelmente ruins para um livro desse tipo, e que seria melhor eu guardá-lo para o presente. O editor estava certo em ambos os pontos. Não era apenas a época inapropriada, mas eu ainda era um novato na arte de escrever livros. Eu havia publicado apenas um, intitulado *Religião e Filosofia*, que foi publicado em 1916. Ele havia sido escrito alguns anos antes, a fim de por em ordem e deixar para trás inúmeros pensamentos decorrentes de meus estudos juvenis em teologia; e eu o publiquei porque, em uma época em que a expectativa de vida de um jovem homem ativo estava rapidamente diminuindo, desejei de qualquer modo deixar uma única publicação filosófica para a posteridade e eu odiava (como eu ainda odeio) deixar uma decisão desse tipo para testamentários.

Referência Bibliográfica

COLLINGWOOD, R.G. *An Autobiography*. Oxford: Oxford University Press, 1939, pp. 29-43.